



A jornada do professor

EM 2020, NOSSO CORPO DOCENTE SE REINVENTOU
PARA CONTINUAR ENTREGANDO ENSINO DE EXCELÊNCIA
AOS ALUNOS EM PLENA PANDEMIA

SUMÁRIO

- 4. Capa**
A reinvenção do professor
- 12. Legado**
As lições da pandemia que vamos levar para o “novo normal”
- 20. Autonomia**
O desenvolvimento da competência foi um saldo positivo de 2020
- 28. Entrevista**
Ana Paula Severiano, coordenadora de Projetos, fala sobre o Novo Ensino Médio
- 30. Ponto final**
Os bordados de inspiração sul-africana do 8º ano

Um ano inesquecível

Posso me orgulhar de dizer que temos uma longa trajetória na educação. São mais de 30 anos preparando jovens para o futuro, em um colégio que sempre teve como principais características a proximidade entre professores e alunos e o acolhimento às particularidades de cada estudante. Este ano, portanto, foi extremamente desafiador para nós. O isolamento social fez com que o Stockler mudasse: a tecnologia tornou-se nossa aliada para que continuássemos a oferecer excelência no ensino e, ainda mais importante, para que mantivéssemos os vínculos que formam a nossa comunidade.

Isso só foi possível porque nossos professores se reinventaram e se engajaram, apesar dos obstáculos, na missão que assumiram para si: ensinar. No texto da página 4, apresentamos algumas das iniciativas dos nossos mestres – como a do professor de Biologia Thiago Rosa, que fez da cozinha de sua casa um laboratório – e também as ações do Stockler para que todo o corpo docente pudesse rapidamente se tornar letrado nas tecnologias digitais, embora saibamos que nada substitui uma aula presencial.

O contato, ainda que virtual, faz toda a diferença no desenvolvimento dos alunos – essa é uma das lições que a pandemia nos deixou. Mas há outras, que contamos na matéria da página 12. Nesse sentido, palavras como “resiliência” e “cooperação” ganharam força em nosso vocabulário. Também sabemos agora que as tecnologias digitais vieram para ficar, mesmo em um contexto de retorno total às aulas presenciais. Isso porque foi extremamente enriquecedor contar com participações especiais que seriam quase impossíveis no modelo presencial: em uma das nossas lives, por exemplo, ouvimos o depoimento de sobreviventes da bomba de Hiroshima. A solidariedade e a tolerância, tão necessárias em tempos como os nossos, deram o tom dessa conversa.

A solidariedade, aliás, marcou a relação entre nossos alunos. Se para os professores foi difícil, para os meninos e meninas 2020 certamente foi inesquecível. Como se concentrar diante da tela? Como ter disciplina para estudar em casa? Eles viveram um amadurecimento forçado, mas terminam o ano mais autônomos e mais colaborativos, apesar da distância física, como contamos na página 20.

Certamente, esse foi um dos períodos mais difíceis da nossa história enquanto escola, mas também um dos mais recompensadores, porque nos abrimos para o novo e para o aprendizado. Estamos prontos. Que venha 2021!



Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Maria Ofenböck Magri
Sonia Cavalheiro Borghi

SUPERVISOR PEDAGÓGICO
Miguel Augusto de Toledo Arruda

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Alessandra Bronze
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes

COMUNICAÇÃO
Júlia Blumenschein

FOTOS
Divulgação

O *Ano em Revista* é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PIU COMUNICA.

comunica!

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello

EDIÇÃO
Ana Paula Severiano

PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Maíra Tanaka

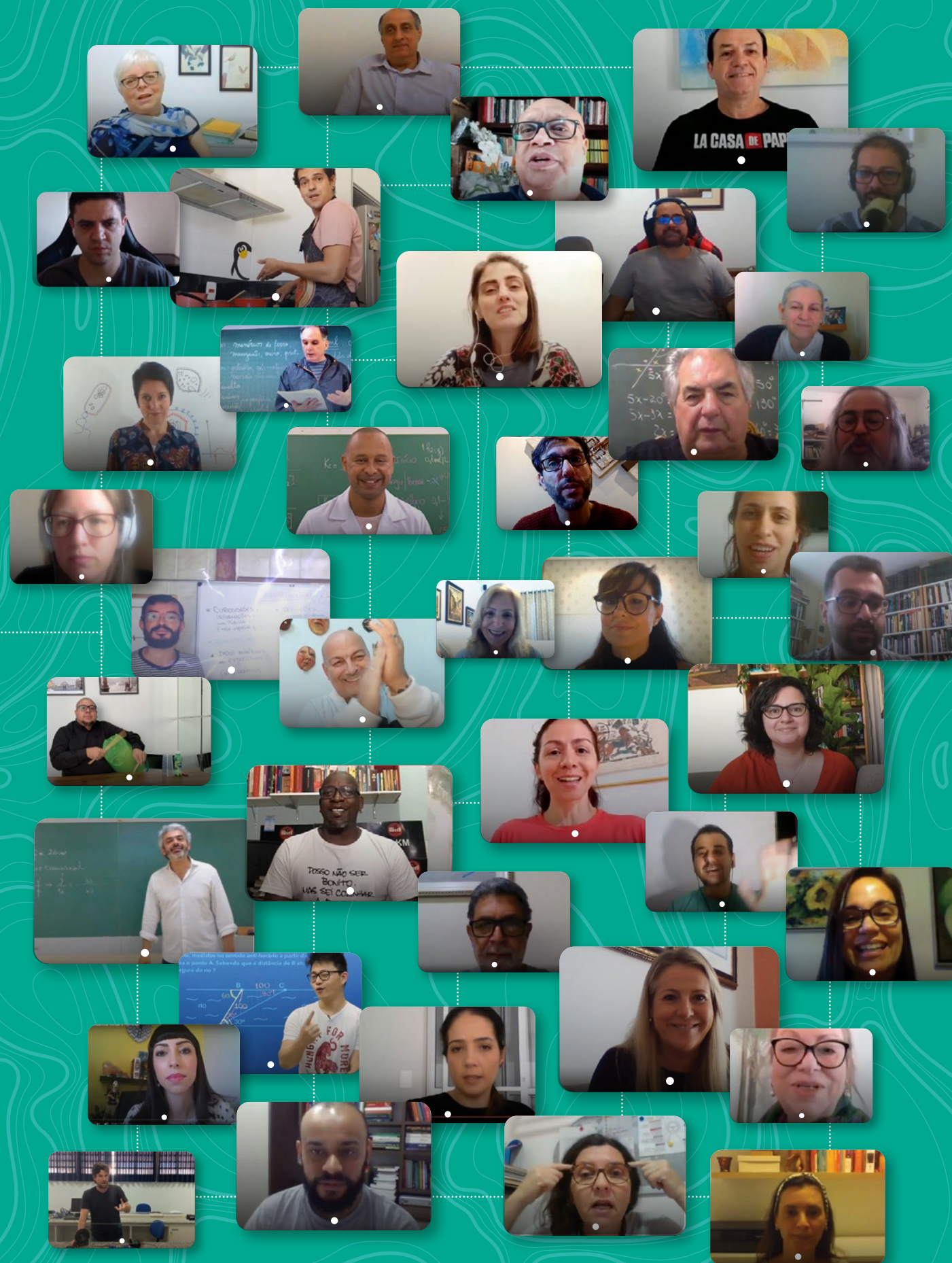
REPORTAGEM
Paula Fazzio

REVISÃO
Bibiana Leme

A reinvenção DO PROFESSOR

AO LONGO DOS MESES DE SUSPENSÃO DAS AULAS PRESENCIAIS, O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO STOCKLER INICIOU UMA JORNADA HEROICA NO MUNDO DIGITAL PARA CONTINUAR A OFERECER EXCELÊNCIA NO ENSINO

Aprendemos desde cedo que os heróis compartilham uma narrativa comum. Eles vivem uma vida normal até que recebem um chamado à aventura. Aceitam o convite e, com a ajuda de aliados, passam por uma série de provações até concluir a missão que lhes foi dada. Encontramos esse padrão, por exemplo, na trajetória de Luke Skywalker, em *Star Wars*, assim como na história de Alice no País das Maravilhas e na saga do bruxinho Harry Potter. Quem propôs tal modelo foi o pesquisador e professor estadunidense Joseph Campbell (1904-1987), especialista em mitologia comparada, que criou o conceito de monomito para explicar essa repetição de padrões organizada em três atos: partida, iniciação e retorno. Se Campbell estivesse vivo, enxergaria muitas semelhanças entre os percursos dos heróis que analisou e a experiência de trabalho de um professor em 2020: da iniciação ao retorno ao lar, a pandemia da COVID-19 promoveu meses de negação, cansaço e apoio de aliados, resultando na conquista de um novo espaço de ensino e aprendizagem.



Ato 1

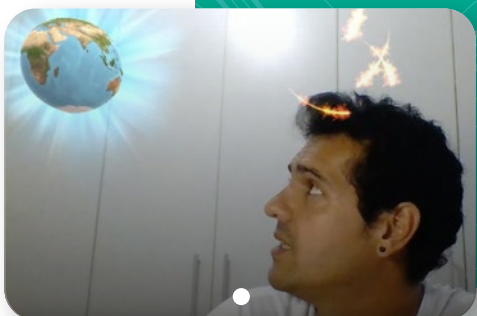
PARTIDA RUMO AO DESCONHECIDO

No primeiro ato descrito por Campbell, o herói está tranquilamente vivendo seu cotidiano quando recebe um chamado que o tira do eixo. É quando ele ingressa em um universo desconhecido, que gera estranhamento e, por vezes, medo. Nessa fase, ele encara os maiores desafios e lida com suas fraquezas e dificuldades. Tal como o herói que ingressa em um mundo desconhecido, os professores foram realmente pegos de surpresa pela suspensão das aulas presenciais em março, devido à pandemia, e sentiram temor pelo futuro, como todo herói em sua jornada. Nas palavras do professor Celso Solha, de Teatro: “Essa pandemia nos aprofundou demais. A questão da reinvenção é um mergulho interior, uma busca por um sentido maior naquilo que você se propõe, naquilo que você faz”.

Tanto a dinâmica das plataformas digitais como a própria tecnologia provocaram receio. A professora Mariana Garófalo, de Educação Física, por exemplo, comenta: “Não sou a pessoa mais tecnológica do mundo, foi um susto”. Além da necessidade instantânea de domínio das ferramentas digitais, a didática teve de ser adaptada rapidamente. O professor Tadeu Okubaro, de Inglês, explica: “É de uma questão de espontaneidade e ritmo que sinto falta. Por exemplo, falar algo e escrever, circular uma palavra e estabelecer uma relação. Não é a mesma coisa na tela”. O professor Reynaldo Conte, de Geografia, também comenta: “O início foi trabalhoso. Nós precisamos aprender a atuar em frente ao vídeo. Era surreal, eu errava aulas das quais já domino o conteúdo e os temas, porque em frente a uma telinha é tudo muito diferente. Parava, gaguejava, tinha que editar...”.

Assim como na jornada do herói, em que o protagonista depara com um mentor em algum momento, ou seja, alguém que vai ajudá-lo a encarar seus desafios, nossos professores trocaram muitas informações entre si. O espírito colaborativo se manteve durante o ensino remoto, mesmo com a distância. Sobre isso, a professora de Literatura Ester Almeida destaca: “No início, o Google Classroom [plataforma de EaD adotada pelo Stockler] se mostrou uma grande novidade para mim. No entanto, depois do suporte dado pela escola, com as orientações e reuniões, tudo ficou mais fácil. As sugestões e as formas de trabalhar começaram a me ajudar a preparar as aulas e ter mais interatividade com os alunos”.

Tal qual os heróis de Campbell, após o ingresso no mundo desconhecido do ensino remoto, os professores migraram para o segundo ato de sua jornada: a iniciação.



O professor de Biologia Thiago Rosa investiu nos efeitos especiais. Vítor, de Ciências, conduziu experimentos pelo vídeo

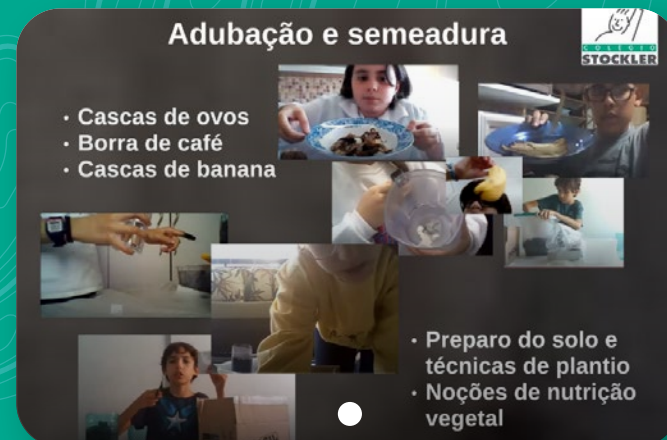


“A maior provação deste ano foi saber o que estava acontecendo com os nossos alunos, já que o acompanhamento a distância não é e nunca será como o presencial. Por outro lado, o mais gratificante foi ter mais contato com todos os meus colegas, em especial os professores, com quem aprendi muito de tecnologia e de pedagogia. Cresci muito durante a quarentena.”

Beatriz Torrano,
professora de Biologia
e assessora em Tecnologia
da Informação

APRENDIZAGEM CRIATIVA A DISTÂNCIA

Professores do Ensino Fundamental reelaboraram os projetos interdisciplinares no contexto virtual sem perder de vista a pegada “mão na massa” que orienta as ações do Colégio



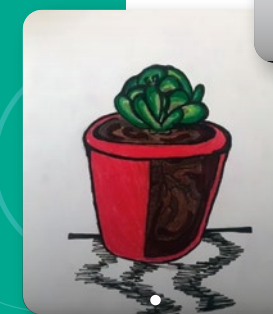
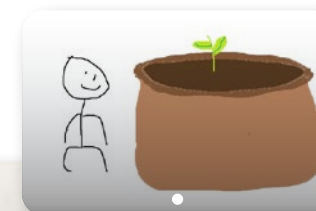
Guilherme Domingues, do 6º ano, e sua horta em casa

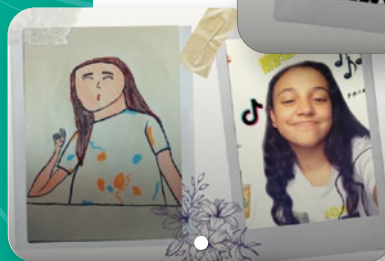
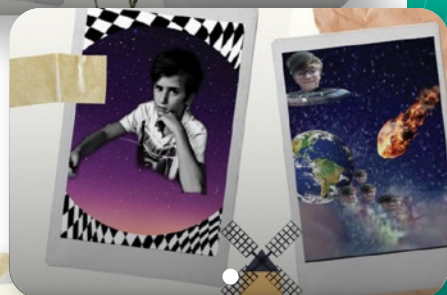
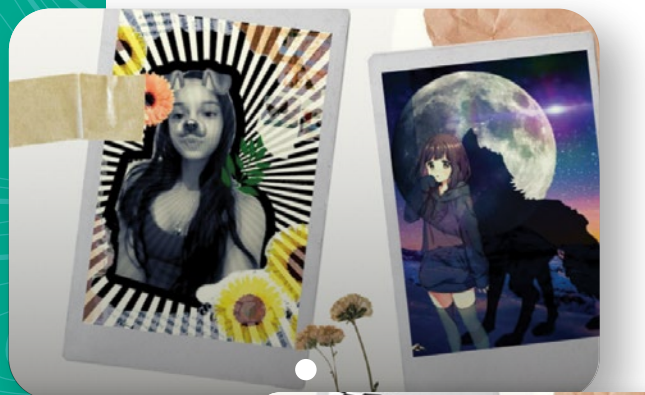
Projeto: Horta

6º ANO

Como em outros anos, o professor Vítor Miranda, de Ciências, tinha planejado fazer a gestão colaborativa de uma horta na escola – de forma presencial, claro. Quando o isolamento se impôs, Miranda manteve a proposta, mas de forma que cada aluno pudesse cuidar da própria horta em casa. Assim, a escola montou kits que foram enviados para as famílias, e o professor acompanhou o projeto a distância. Para isso, adotou metodologias ativas e buscou compor atividades interdisciplinares. Com a professora Adriana Ramacciotti, de Língua Portuguesa, por exemplo, os alunos produziram relatórios sobre o andamento das hortas, na forma de textos e de podcasts. Já em Artes, com a ajuda da professora Marina Herling, registraram o crescimento da horta em forma de desenho.

Em desenho, a turma explorou as diferentes etapas do plantio





Além de pensar o ambiente de casa, os alunos produziram autorretratos

Projeto: Identidades

7º ANO

Os alunos do 7º ano fizeram um álbum de fotos de família para registrar suas origens geográficas, características e aspectos religiosos e culturais. “Emoção é a palavra deste projeto. É a forma como os alunos se relacionam em casa e que revela aspectos culturais de seus antepassados”, explica a professora de Geografia Cristina Charnis. Eles tiveram, ainda, contato com as artes do cordel e do autorretrato e conheceram um projeto do fotógrafo James Mollison, que registra quartos de criança espalhados pelo mundo. A partir da visualização dessas imagens, segundo Cristina, foi possível discutir alguns conceitos geográficos e culturais. “Os quartos são lugares afetivos em que a história é contada por meio do espaço”, afirma.



Projeto: Ouvindo as Diferenças

8º ANO

Na disciplina de História, os alunos do 8º ano elaboraram charges ou tirinhas para ilustrar as diferenças do Antigo Regime, como parte das ações do projeto Ouvindo as Diferenças. Além disso, em Artes, exploraram a técnica do bordado inspirados por Esther Mahlangu, uma artista da África do Sul que foi a responsável por levar ao mundo a estética do povo Ndebele. Suas obras, com padrões simétricos e cores fortes, serviram como inspiração para um bordado. “Os alunos esboçaram suas ideias por meio de desenhos, e as cores escolhidas foram discutidas durante as aulas. A escola compôs, então, um kit com linhas, agulhas, tecidos e bastidores para os alunos trabalharem em casa”, explica a professora de Artes Marina Herling.



Bordados de Clarissa Natale e Henrique Cazzo inspirados na artista africana Esther Mahlangu

Ato 2

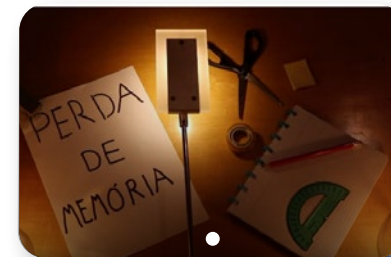
ENTRE TESTES E ALIADOS

Após o período de estranhamento, vêm a adaptação e o aprofundamento no mundo até então desconhecido. É nesse segundo ato que o herói enfrenta provas e testes, com a ajuda de parceiros, antes de chegar ao sucesso. Este é evidente no caso do trabalho dos professores: aulas produtivas, em que os alunos demonstrem o quanto aprenderam.

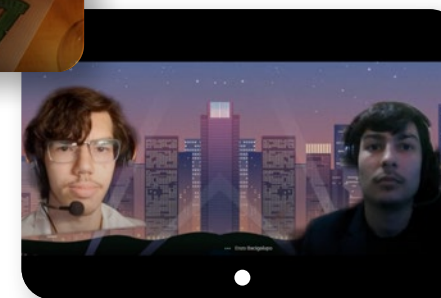
A professora de Educação Física Mariana Garófalo, por exemplo, encontrou grandes desafios. Ela comenta que, antes de as aulas serem remotas, enfrentava certa resistência dos alunos a fazer exercícios individuais, pois eles preferiam atividades com uso de bola ou jogos e competições. Com o ensino virtual, essa possibilidade do contato e de estar na presença do outro foi naturalmente barrada. “Aproveitei e uni o útil ao agradável: peguei uma fase de pandemia, em que as pessoas estavam trancadas em casa, sem atividade física, e juntei com a questão de estarmos sem o contato. Então, passei a propor exercícios de pilates, alongamento e treinos funcionais”, descreve. Mariana percebeu que os alunos passaram a dar mais valor às atividades físicas: “O que reparei foram alguns alunos que nem eram tão praticantes de Educação Física na escola começarem a fazer. Tive um retorno melhor do que eu imaginava”.

Mas não foi fácil nem mesmo para os iniciados. O professor de Biologia Ismael Andrade, entusiasta da tecnologia na educação, já utilizava algumas ferramentas digitais antes da pandemia, como a plataforma Edmodo, que reúne uma série de recursos educativos, e o aplicativo Kahoot, para jogos que funcionam como testes de múltipla escolha. Desde 2010, ele coordena um projeto de vídeos em sua disciplina. No entanto, este ano teve de rever sua metodologia, dado que, com o distanciamento social, seria mais difícil captar imagens e trabalhar em grupo. Assim, Ismael permitiu que os alunos escolhessem entre realizar filmes e apresentar seminários ao vivo. O aluno Lars Kunath, que, junto com outros colegas, produziu um vídeo sobre o mal de Alzheimer, comenta: “Filmamos um documentário, entrevistando cuidadoras de idosos que lidam com a doença e também a minha avó, diagnosticada com Alzheimer. Aprendi muito sobre o tema, pude compreender o dia a dia das pessoas que sofrem desse mal e transmiti isso através de uma grande paixão minha: o audiovisual”.

O professor Ismael ressalta que, do ponto de vista da educação, a pandemia foi um gatilho interessante para que algumas mudanças positivas e profundas pudessem começar a ocorrer, como a da implementação de metodologias ativas. “Acredito que nós, professores, percebemos que precisamos investir um bocado de energia em adaptações e aprendizados para garantir o futuro profissional”, avalia ele.



Em vídeo, alunos da 2ª série do Ensino Médio apresentam temáticas científicas



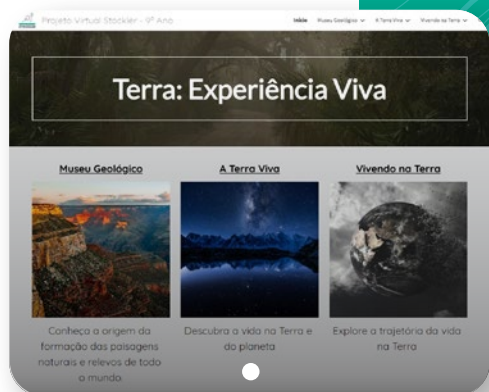
“O melhor do ensino remoto foi poder utilizar as ferramentas digitais no processo de leitura e produção de textos. Uma pena foi não poder ter feito as viagens e saídas de campo, que sempre acrescentaram muito ao trabalho com linguagens.”

Vicente Castro,
professor de Redação,
Leitura Crítica e Jornalismo

Assim como o professor Ismael, o professor de Biologia Thiago Rosa utilizou ferramentas como o Kahoot e algumas possibilidades que o próprio Google oferece, como os formulários. Porém, sua grande preocupação era conseguir estabelecer contato com os alunos de forma mais efetiva: “Conforme o ano foi passando, tive mais ideias e vivi essa imersão no ensino virtual de forma mais intensa. Comecei a utilizar o Google Sites, que é uma forma de organizar os materiais em exposição. Fui pensando em como trazer para o espaço remoto várias habilidades e vários recursos que utilizaríamos no presencial”, explica ele.

Apesar de a tecnologia ser uma boa aliada dos docentes no processo de ensino-aprendizagem, o professor Reynaldo Conte, de Geografia, chama a atenção para um fator importante: “As ferramentas antigas, como a lousa, ainda têm seu espaço. As digitais são necessárias, pois ajudam na organização de estudos dos alunos e do próprio professor, mas nada como o equilíbrio”. Ele explorou bastante com seus alunos a ferramenta Jamboard, uma espécie de mural online que pode ser construído colaborativamente, sobre a qual comenta que, apesar de simples, é uma aliada para sistematizar informações. Reynaldo resume a iniciação: “Eu, que falo tanto de tecnologia e revolução tecnológica informacional, passei da teoria para a prática”.

O 9º ano produziu um site com o resultado das investigações sobre o planeta Terra



Projeto: Terra – Experiência Viva

9º ANO

Os alunos do 9º ano, que no início de 2020 se preparavam para uma viagem ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, o PETAR, de repente se viram presos em casa. Diante da nova situação, os professores envolvidos no projeto tiveram de repensá-lo. Na pandemia, a caverna, local a ser explorado na viagem, agora era a própria casa. A metáfora serviu para que os estudantes ressignificassem o período de isolamento, fazendo reflexões também sobre a sociedade, sem deixar de lado o conteúdo que dera origem ao projeto: os processos geomorfológicos. Assim, no projeto Terra – Experiência Viva, eles puderam aprender sobre museus geológicos, seres vivos cavernícolas e teoria de Gaia, além de refletir sobre a própria pandemia.

“O melhor desse período foi o desenvolvimento da autonomia. Cada um aprende do seu jeito e no seu tempo. O pior, sem dúvida, é a falta do presencial, o olho no olho, o contato humano, que nunca será substituído por uma máquina.”

Mariela Bello,
professora de Espanhol



Na volta às atividades presenciais, oficinas de música e relaxamento acolheram os alunos



“Ter um recurso digital comigo, sempre conectado, para mostrar projeções, e ter um arquivo de todas as aulas disponível para os alunos foi ótimo. Mas, no remoto, a gente perdeu o toque, a conversa com o aluno em uma troca de aula, porque a escola não é um espaço em que as pessoas vão apenas para receber conteúdo.”

Caio Salutte,
professor de Física

Novo começo

Em novembro, os encontros presenciais no espaço do Colégio foram retomados gradualmente, com a realização de algumas atividades extracurriculares

Mindfulness: Um momento de acolhida para um reencontro de parte da turma, com reflexão sobre o período de isolamento social.

Música e identidade do sertão: Com a presença do acordeonista Daniel Szafran, as equipes de Geografia e de Música se uniram para analisar a canção “Asa branca”, de Luiz Gonzaga, e tratar de temas como estiagem e migração.

Casa, espaço do cuidado: Com Mariela Bello, professora de Espanhol, os alunos do 6º ano construíram a maquete de uma casa com materiais reciclados. Assim, puderam ampliar o vocabulário e pensar no aspecto afetivo das habitações.

Master chef: No 7º ano, os alunos botaram a mão na massa e fizeram receitas com pratos típicos do Nordeste, gravando áudios das preparações em espanhol, também com a professora Mariela.

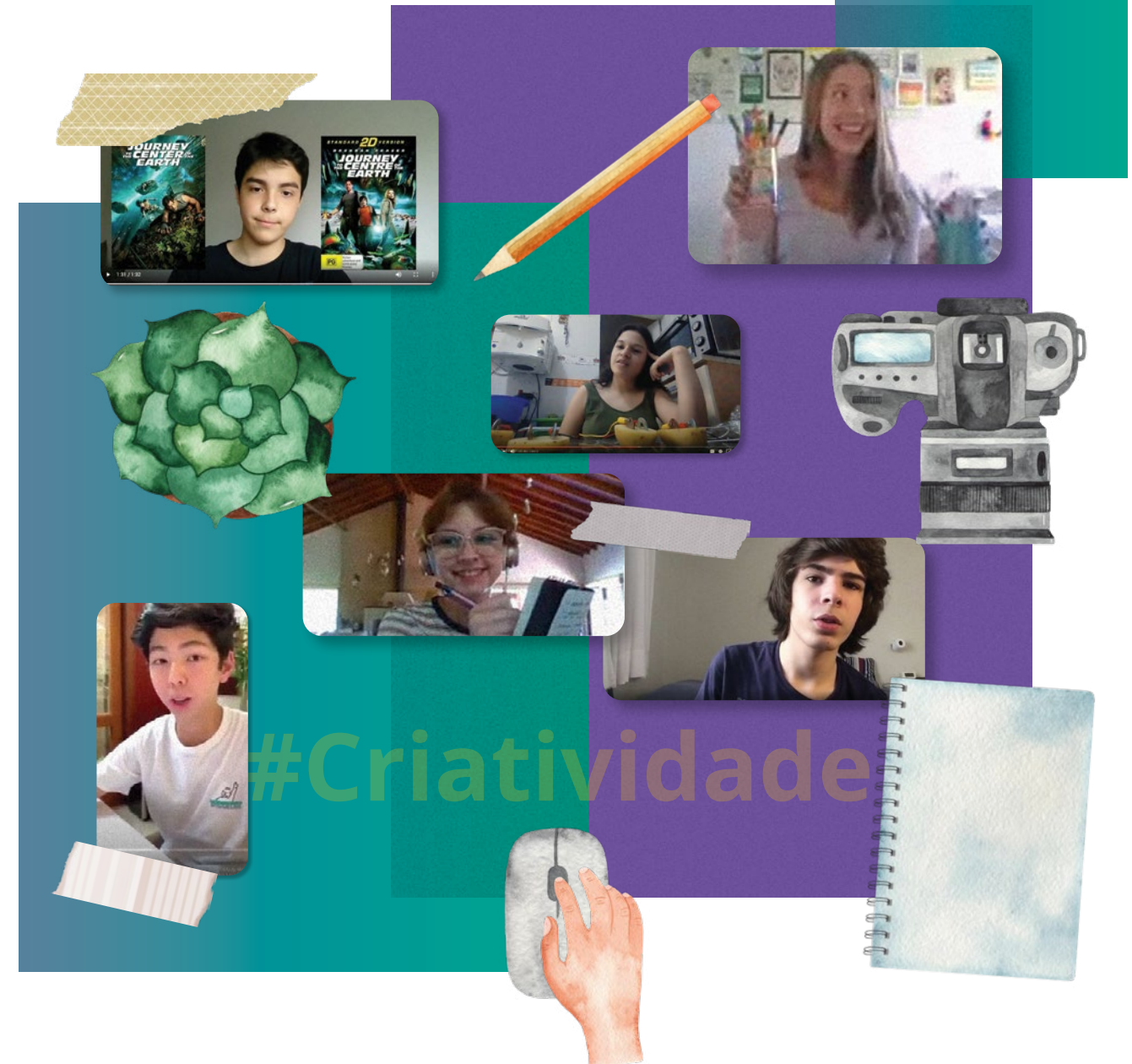
Animações em cena: Nas aulas de Espanhol do 8º ano, com base no eixo temático “Diversidad y prejuicio” (Diversidade e preconceito), a professora Mariela Bello, de Espanhol, convidou os alunos a produzir animações autorais no idioma. Com o uso de ferramentas digitais, eles abordaram temas como racismo, gênero e xenofobia a partir de pequenas narrativas que pudessem promover reflexão no espectador.

Singular e plural: O 9º ano elaborou um mural com a proposta “Identidad”. Nas palavras de Mariela: “O trabalho partiu da reflexão de que eles são plurais sem deixar de ser singulares, cada um é único, assim como é a turma de cada ano”.

Da crise dos anos 1970 ao Império nerd de Star Wars: Uma aula de história do cinema e de suas abordagens com o professor de História Benedito dos Santos engajou o Ensino Médio.

Teste do bafômetro: Os professores de Química Almir Vieira e Paulo Martiniano (o Júnior) conduziram experiências sobre indicadores ácido-base e reações orgânicas. Entre as atividades, houve a simulação do teste do bafômetro – sem o consumo de álcool, claro!

Bairros de São Paulo: A origem da cidade, a história de regiões como a Liberdade e o Morumbi e as questões relacionadas ao zoneamento urbano foram o tema da aula especial do professor Reynaldo Conte, de Geografia.



AS LIÇÕES da pandemia

EM MEIO A TANTAS INCERTEZAS QUE MARCARAM 2020, HÁ APRENDIZADOS QUE PERMANECERÃO NA ESCOLA, MESMO QUANDO A AMEAÇA DO VÍRUS ESTIVER SUPERADA

Até que a pandemia sacudisse nossos valores e práticas, o ensino presencial era algo indissociável da proposta do Colégio Stockler. Turmas pequenas, organizadas em poucas salas, ajudavam a garantir a construção de um vínculo estreito entre professores e alunos. Com a imposição do ensino remoto, a preservação dessa dinâmica tornou-se uma das principais preocupações dos gestores da escola. Assim, as decisões e os investimentos realizados pela instituição não foram

determinados apenas pela necessidade de conduzir as atividades escolares em ambiente virtual, mas principalmente para que o ensino oferecido pelo Colégio mantivesse suas características fundamentais.

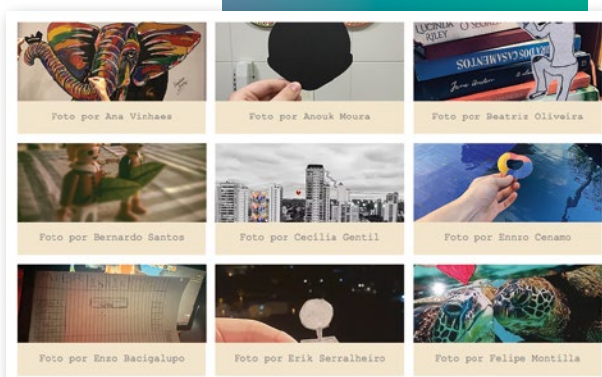
“Nós temos um DNA acolhedor, fundado naquela casa de estudos nascida mais de 30 anos atrás no cursinho que deu origem ao Colégio. Somos conhecidos justamente por promover e valorizar a proximidade entre professores e alunos; por isso, atender às demandas de 2020 foi um desafio”, diz Julia Stockler, mantenedora da escola.

“O saldo, ainda assim, é positivo”, completa. “Ninguém sairá igual dessa pandemia. Todos experienciaram, e ainda experienciam, de forma intensa, uma série de aprendizados muito particulares”, avaliam as orientadoras pedagógicas Alessandra Bronze e Kátia Ritzmann. “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, escreveu Guimarães Rosa no livro *Grande sertão: veredas*. Eis um contexto em que a fala do personagem Riobaldo soa mais oportuna do que nunca. A seguir, as lições que nossos educadores vão levar do ano que mudou tudo.

1

Quando aliada à criatividade, a tecnologia proporciona resultados surpreendentes

#CulturaDigital



Na 2ª série do Ensino Médio, o confinamento rendeu reflexões sobre as histórias que os objetos e a casa contam

O primeiro momento do ensino a distância foi um choque para todos. “No começo das atividades remotas, muitos professores manifestaram angústia com a demanda por gravar o conteúdo de suas aulas. Profissionais experientes, sabiam que a preservação do processo de ensino-aprendizagem exigia muito mais do que a simples migração das atividades para o ambiente virtual”, lembra Mariana Stockler, mantenedora do Stockler. O diagnóstico rápido e o investimento em soluções renderam bons frutos. O Colégio optou por utilizar ferramentas do Google para Educação, como o Google Classroom, e montou um estúdio em uma das salas de aula, com um profissional especializado na captação e finalização de conteúdo audiovisual para apoiar os professores. Além disso, foram realizadas formações mediadas pela consultoria Redesenho Educacional, de modo que os educadores pudessem encontrar seus próprios caminhos em meio a uma grande oferta de ferramentas pedagógicas digitais (saiba mais na página 16).

“Houve uma cooperação, uma parceria entre os docentes, uma tentativa de fazer dar certo”, avalia o professor de Língua Portuguesa e Jornalismo Vicente Castro, que enxerga nas ferramentas digitais a possibilidade de explorar diversos métodos de ensino e de estimular momentos criativos dos estudantes. “Para nós, professores, abriu-se um mundo de novas ferramentas para usar nas aulas”, diz Regina Tarifa, professora de Inglês e coordenadora de Projetos do Ensino Fundamental II.

Um exemplo emblemático é o projeto Marés, protagonizado pelos alunos da 2ª série do Ensino Médio. O planejamento inicial, como em 2019, previa uma viagem de campo à região de Paraty para promover a exploração de múltiplas linguagens artísticas, com atividades de desenho, fotografia, teatro e escrita criativa. Por causa da pandemia, Vicente e Carol Rahal, fotógrafa e arte-educadora, adaptaram as dinâmicas para o ambiente virtual, com uma proposta que buscou ressignificar a experiência do isolamento social – e de forma que os alunos pudessem ser autônomos em seus percursos. O trabalho foi uma ampla imersão nas múltiplas linguagens do processo artístico, unindo desenvolvimento de habilidades criativas e apropriação de recursos tecnológicos. O resultado pode ser observado no site do projeto [stocklermares.wixsite.com/projeto].

A oportunidade de traçar percursos produtivos no ambiente digital é um ganho para alunos e professores. “O estudante pode lidar com novas tecnologias de um modo mais espontâneo, trabalhar com os gêneros discursivos que operam não só no cruzamento de várias linguagens como também no uso de tecnologias”, explica o professor Vicente. Ele destaca a importância das ferramentas digitais de edição de texto, que permitem ir além nas atividades de escrita, ajudando o aluno a editar, revisar, observar o processo criativo. Diante dessa constatação, os professores da equipe de Redação do Colégio Stockler decidiram manter as ferramentas de edição de texto colaborativas e online também no período pós-pandemia, como uma forma mais dinâmica de explorar a escrita e organizar os registros.

Outra frente que teve ganhos, na visão de Regina Tarifa, foi a das avaliações. “A comunicação ficou mais organizada, em razão do tipo de registros e observações sobre o trabalho dos estudantes que as ferramentas possibilitam fazer”, diz. “Para os alunos, ficou mais rápida a comunicação com o professor, eles conseguem manifestar mais dúvidas, e isso é algo que não vamos perder, pois a tecnologia não vai mais embora”, conclui.

2

A adversidade promove o desenvolvimento de habilidades socioemocionais

As orientadoras pedagógicas Alessandra Bronze e Kátia Ritzmann ressaltam que, de 2020, toda a comunidade escolar tirou resiliência, autonomia e capacidade de se adaptar às adversidades. Nas palavras de Maria José Gimenes, orientadora da 3ª série do Ensino Médio, “com a colaboração de toda a equipe, com recursos audiovisuais, com avaliações e estratégias adequadas, vamos percebendo que a pandemia e o distanciamento estão trazendo o desenvolvimento de habilidades emocionais, como o autoconhecimento”.

As orientadoras destacam que o contexto de distanciamento social acabou favorecendo o desenvolvimento da empatia – habilidade muito valorizada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que guia a construção de currículos da educação básica no Brasil. E, assim como Alessandra e Kátia, a professora de Inglês Regina Tarifa observou uma valorização do papel da escola: “Mudou o olhar para a escola. O aluno, talvez por ser jovem, muitas vezes não percebia o valor social que a escola tem. Este ano, ele passou a entender isso melhor. É o lugar onde eles se encontram, dão risada. Por mais que eles se vejam todos os dias virtualmente, não é a mesma coisa”.

#Identidade



No desafio criativo do projeto Marés, os alunos produziram autorretratos inspirados em pessoas que admiram

Aluno: João Fantin
Representando: Minha avó (dona Inês)



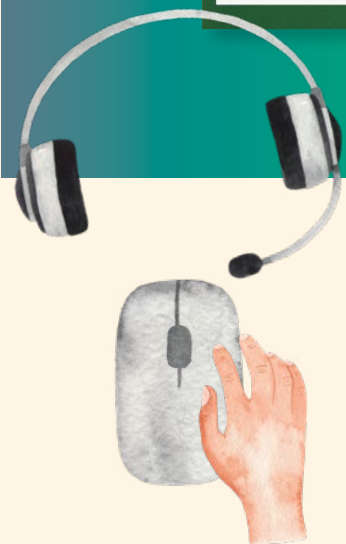
Aluna:
Gabriela Duarte
Representando:
Marie Curie em
um laboratório



Aluna:
Mariana Waissman
Representando:
Greta Thunberg



Na formação para tecnologias digitais, os professores conheceram aplicativos como o Padlet e já colocaram o aprendizado em prática na mostra de projetos do Colégio



Professores conectados a novos saberes

Com o apoio da escola, docentes de diferentes gerações se lançaram na tarefa de lidar com as tecnologias digitais para além da apresentação de slides

Pensando em oferecer ao corpo docente uma formação para ampliar seu repertório de estratégias didáticas, o Colégio Stockler promoveu no segundo semestre uma jornada formativa com as consultoras Andreia Gallego e Danielle Lima de Vasconcelos, da assessoria Redesenho Educacional. O objetivo dos encontros era apresentar práticas e ferramentas que contribuíssem para a diversificação das dinâmicas em aula e para fomentar o engajamento dos alunos. Para Miguel Arruda, supervisor educacional do Colégio Stockler, “a jornada formativa ocorreu num ambiente muito colaborativo, e todos os envolvidos se sentiram engajados numa equipe que buscava, urgentemente, o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades fundamentais para a nova realidade de ensino”.

Os encontros foram realizados no estilo “mão na massa” e tiveram temas variados, sugeridos pelos professores. No encontro sobre personalização do ensino, por exemplo, a pauta foi a forma como os alunos costumam aprender:

de maneiras e em tempos distintos. De acordo com as consultoras, cada indivíduo tem uma bagagem acumulada até o momento das aulas, os chamados “conhecimentos prévios”. Por isso, padronizar o processo de ensino-aprendizagem não é eficiente em todos os momentos, e o ideal é buscar o ensino personalizado, em que coexistem características como a avaliação individualizada e o processo de aprendizagem com base em projetos.

Os professores também se muniram de uma série de aplicativos para colocar em prática estratégias de aprendizagem coletiva e colaborativa. Entre elas, ferramentas para editar revistas online, criar podcasts, atividades em formato de quiz e murais colaborativos (a programação e o conteúdo do Stockler de Portas Abertas foram organizados no Padlet, um desses aplicativos – leia mais na página 27). Questões relativas ao ensino híbrido – modalidade que tem etapas presenciais e a distância – e ao formato das avaliações em ambiente online também foram temas das reuniões.

#Resiliência

3

As metodologias ativas vieram para ficar

Mazé, como é conhecida a orientadora da 3ª série do Ensino Médio, é categórica: “Agora e daqui para a frente, o celular será um grande aliado. Não tem mais volta!”. Nessa mesma linha, o professor de Biologia Ismael Andrade diz que a gamificação e as metodologias ativas também vieram para ficar. Gamificação consiste na aplicação de procedimentos e mecânicas comuns nos ambientes de jogos a outras áreas, como a Educação. O objetivo dessa prática é fazer com que os indivíduos sintam-se mais engajados durante o processo de ensino-aprendizagem, já que estarão movidos pela curiosidade e por uma dinâmica com desafios e recompensas. Assim, é possível entender a gamificação como uma das estratégias das metodologias ativas, em que o aluno é colocado como o principal agente de sua aprendizagem.

Nesse contexto de mudanças, a diretora pedagógica Josely Margri ressalta: “Acredito que, independentemente do ensino presencial, a importância da relação com as ferramentas digitais e a possibilidade de otimização dos encontros virtuais promoverão uma metodologia mais ativa no ambiente escolar”.



Quebra de paradigmas no vestibular

Não foram só escolas, professores e alunos que mudaram. Alguns processos seletivos também passaram por transformações, especialmente em instituições particulares como ESPM, FGV, PUC, Mackenzie e Insper: as provas de 2020 foram realizadas em ambiente virtual, com uma série de novas regras durante a aplicação online. Isso exige que o candidato domine minimamente ferramentas tecnológicas e tenha uma postura adequada em relação às novas regras em jogo – na FGV, por exemplo, era necessário resolver as questões diretamente na tela do computador.

4

Contato –
ainda que
virtual – faz
toda a diferença

Outra lição marcante comentada por alunos e professores foi a importância dos momentos de compartilhar ideias, sugestões, angústias e superações durante o ensino virtual. Julia Stockler conta que, passado o período de adaptação do corpo docente e dos alunos às dinâmicas possíveis no ensino remoto, o Colégio Stockler optou por oferecer todas as aulas do segundo semestre em modo síncrono, ou seja, em encontros ao vivo das turmas com seus professores. “Um dos principais fatores que motivaram a escola a investir nesse formato foi a demanda dos alunos por mais momentos de interação direta com professores e colegas”, explica.

A professora de Língua Portuguesa Márcia Pelachin ressalta a importância dessa troca: “Nós temos de lembrar que a aprendizagem se dá com o outro, e isso com certeza acontece mesmo que seja por meio de um Google Meet. Nós mantivemos o contato humano, e isso é o primordial. É com o outro que, muitas vezes, se aprende”.

Tais trocas são essenciais até mesmo para a construção de um olhar mais positivo acerca do futuro. Sobre isso, o professor de Filosofia Mauro Trivelatto comenta: “Santo Agostinho, filósofo, tem uma definição sobre o verbo ‘esperar’: acreditar no amor, ter confiança nas pessoas e dar um salto no incerto. Foi isso que nós fizemos enquanto professores. Acreditamos na relação com os alunos e com as famílias. Isso resultou em confiança, apesar do incerto que vivemos”.

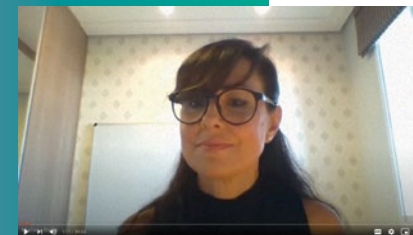
#Troca



Na 3ª série do Ensino Médio, o apoio dos colegas e o compartilhamento de estratégias de estudo foram essenciais na preparação para o vestibular

Participações
(mais que)
especiais

NO ENSINO REMOTO, OS
PROFESSORES ABRIRAM
AS PORTAS VIRTUAIS DE
SUAS SALAS DE AULA
PARA CONVIDADOS,
EM INICIATIVAS QUE
ENRIQUECERAM A TROCA
COM OS ALUNOS EM TEMPOS
DE ISOLAMENTO



A professora de Espanhol Mariela Bello e seu convidado especial: Alexiev Gandman, do programa *Art Attack*, da Disney



OUÇA
O PODCAST

Com a professora Debora Hada, os alunos do 8º ano aprenderam mais sobre edição de texto e de áudio para podcasts

Um dos desafios da transição abrupta do ensino presencial para o remoto foi fazer aulas diferentes. Como fugir da mera exposição de conteúdos em frente à câmera? Aproveitar a facilidade dos encontros online para convidar participantes especiais foi uma das soluções encontradas pelos professores para enriquecer o ensino a distância, dinamizar as aulas e aproximar pessoas, mesmo que o período fosse de distanciamento físico.

Mariela Bello, professora de Espanhol, por exemplo, engajou os alunos do Ensino Fundamental com a participação do autor e ilustrador argentino Alexiev Gandman em uma de suas aulas. “Era bem no começo das aulas da pandemia e eu queria fazer alguma coisa diferente com eles”, explica a professora. Em razão dos estudos que a turma já estava realizando sobre pintores e artistas, Mariela convidou Alexiev, que é da equipe do *Art Attack*, programa infantil da Disney, para conversar ao vivo com o grupo. Logo no início da atividade, alguns estudantes disseram que não estavam acreditando que “o cara do *Art Attack*” estaria ali. “Nós preparamos uma série de perguntas para que ele respondesse, em espanhol. E, claro, toda a conversa foi também em espanhol. Eles praticaram o idioma e tiveram um momento exclusivo com o artista”, relata ela.

Em outubro, os alunos e a comunidade da escola tiveram a oportunidade de participar de uma conversa com sobreviventes do ataque nuclear em Hiroshima, os senhores Kunihiro Bonkohara e Takashi Morita e a senhora Junco Watanabe. Foi um momento extremamente rico e emocionante, em que todos puderam ouvir relatos de aspectos pouco conhecidos e aprender mais sobre esse triste marco na história da humanidade. O evento também gerou reflexões sobre a importância da preservação da memória e das narrativas testemunhais.

Outra convidada especial que o Stockler recebeu foi a professora e especialista em metodologias ativas Debora Hada, que conduziu oficinas com os estudantes do 8º ano para a produção de podcasts. Nas aulas, ela instruiu os alunos sobre os processos de roteiro e edição de áudio, para que eles pudessem elaborar suas próprias produções com a temática Ouvindo as Diferenças ([acesse no Spotify](#)), nas quais abordaram temas como imigração, obesidade, gordofobia, surdez e racismo.

As turmas de 8º ano ainda tiveram a oportunidade de conversar com o youtuber Load Comics, produtor de conteúdo e apresentador do site de cultura pop Omelete, que falou sobre sua trajetória pessoal e profissional. O influenciador digital costuma abordar em suas redes sociais temas relacionados ao universo das histórias em quadrinhos e também ao do hip-hop. Essa atividade, que fez parte do projeto Ouvindo as Diferenças, teve como objetivo proporcionar aos estudantes discussões sobre diversas questões sociais, como aspectos da representatividade negra na cultura.

Na disciplina de Educação Física, ao refletirem sobre o brinquedo e o brincar, os alunos do 6º ano conheceram a arte-educadora e pedagoga Leila Grillo, que ensinou a arte do origami e convidou a turma a fazer brinquedos com papel. Além disso, realizaram atividades com a professora Sandra Sorprezzo, especialista em esportes com raquetes.

APRENDER A conhecer

ENTRE OBSTÁCULOS E HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO, O ENSINO REMOTO IMPULSIONOU OS ALUNOS A DESENVOLVER AINDA MAIS A COMPETÊNCIA DA AUTONOMIA, FUNDAMENTAL PARA OS CIDADÃOS DO SÉCULO XXI

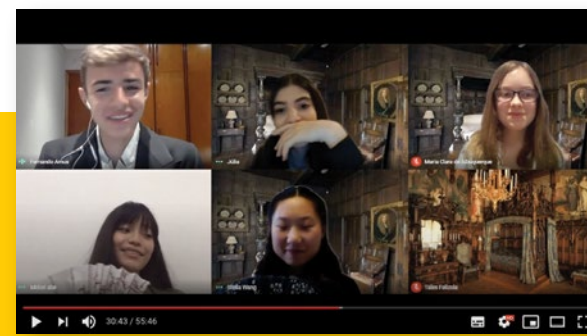


O estímulo à curiosidade e à produção de conhecimento deve nortear a formação de jovens e crianças ao longo de sua vida escolar. É o que orienta o documento da Organização das Nações Unidas que apresenta os pilares da educação para o século XXI. Aprender a conhecer é uma competência fundamental, de acordo com a Unesco – e ganhou contornos ainda mais fortes em 2020. Não é novidade para as famílias Stockler que a autonomia é entendida no Colégio como uma competência que pode e deve ser aprendida ao longo da vida, mas isso passou a ser ainda mais relevante durante o período de ensino remoto. “O distanciamento social exigiu respostas rápidas e assertivas de todas as instituições de ensino. Vários

alunos já tinham o domínio digital, mas aprender por meio dele era um caminho que muitos não sabiam trilhar. Em casa, o aluno passou a depender bastante de si para organizar uma rotina de estudos”, analisam as orientadoras pedagógicas Alessandra Bronze e Kátia Ritzmann.

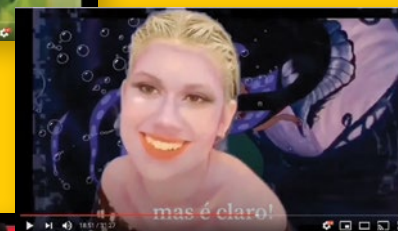
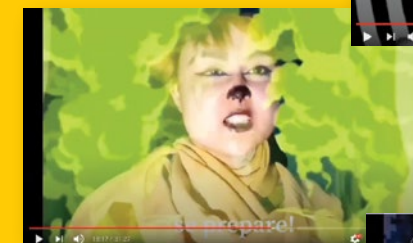
A mudança exigiu atenção da equipe de psicólogas, da direção e dos professores da escola, já que cada aluno constrói um percurso diferente na conquista da liberdade de estudar, para aprender por conta própria e com base em seus interesses. Maria José Gimenes, orientadora da 3ª série, aponta algumas preocupações que surgiram no acompanhamento dos estudantes: “Percebemos nos atendimentos individuais que alguns alunos conseguem manter o foco por um período maior, mas outros perdem a concentração após 10 minutos de aula virtual. Isso pesa, traz sentimentos de culpa e de incapacidade que podem impactar a autoestima e os resultados acadêmicos”.

Assim, o desempenho e o controle das emoções dependeram ainda mais do amadurecimento de cada jovem e do desenvolvimento de estratégias, por parte da escola, para lidar com as dificuldades do contexto do ensino remoto, como a falta de motivação. Projetos tradicionais do Stockler, como o teatro e a iniciação científica, tiveram de ser repensados pedagogicamente para impulsionar ainda mais a independência, e novas iniciativas, como as rodas de conversa, surgiram para dar respostas a questões que ganharam força com a pandemia (leia mais sobre eles nas próximas páginas).



O teatro nos tempos da virtualidade

Como fazer uma montagem teatral durante o ensino remoto? Esse foi um grande desafio para o professor Celso Solha e seus alunos da 1ª série do Ensino Médio. Em 2020, o professor percebeu que, apesar da distância física, a turma teve uma postura engajada, mesmo com as dificuldades que cada um estava enfrentando. Ao longo do segundo semestre, uma série de jogos e exercícios de improvisação antecedeu a montagem final. A 21ª Mostra de Teatro de Repertório e Dramaturgia Stockler teve, em sua programação, um espetáculo escrito pelos alunos da 1ª série A, intitulado *O melhor de cada um*, sobre o ensino remoto. Houve também a leitura dramática de *Mirandolina*, de Carlo Goldoni, pela 1ª série B. Em ambas as montagens, que foram gravadas e depois transmitidas pelo YouTube, cada aluno interpretou seu papel em casa, interagindo pelo Google Meet.



Espectáculo autoral e leitura dramática na mostra transmitida pelo YouTube



Confira as montagens: [O melhor de cada um](#) e [Mirandolina](#).

DISTRAÇÃO: A VILÃ DO ENSINO REMOTO

A aluna Anouk Moura, da 2ª série do Ensino Médio, conta que, além de ter saudade dos amigos, sofreu no corpo a quarentena: as horas em frente à tela lhe davam dores de cabeça. Mas o maior problema para Anouk foram as distrações do ambiente doméstico: “É complicado prestar atenção na aula quando você tem celular, animal de estimação e outras coisas acessíveis durante o horário de estudos”.

Se para os jovens do Ensino Médio a concentração diante do computador é um desafio, para os alunos do Ensino Fundamental trata-se de um exercício de su-

peração. Entre o 6º e o 9º anos, interagir afetivamente com o professor e trabalhar em grupo são premissas das aulas. Sem o contato presencial, Maria Victoria Ribeiro de Lima, do 7º ano, relata que precisou tomar algumas atitudes para conseguir ter foco: “Enquanto estudava, desligava tudo que podia me distrair. Isso me ajudou”. Além disso, deu-se o direito de descansar e de ocupar o tempo livre com seus passatempos, a dança, a pintura e a maquiagem – que, segundo ela, contribuíram para melhorar sua atenção durante os estudos.



NOVAS FORMAS DE APRENDER

Houve também quem transformasse hobbies em ferramentas de estudo. Mariana Waissman, aluna da 2ª série, encontrou no tempo maior em casa uma boa oportunidade para colocar suas leituras em dia. Ela conta: “Tive que buscar algumas informações por conta própria, não só na internet, o que já é habitual na minha geração, mas também por meio de livros. Fiquei mais tempo sozinha e achei na leitura uma forma de aprendizado e de entretenimento”.

Também amiga dos livros, Valentina Ferreira, da 2ª série, não era muito íntima do universo da tecnologia. Durante o período de ensino virtual, além de todos os problemas enfrentados pelos estudantes, ela precisou vencer essa barreira pessoal. “Tive de me adaptar a uma situação fora da minha zona de conforto, sobretudo devido a minha dificuldade em lidar com os meios digitais. Superei várias adversidades e aprendi a usar a internet como ferramenta de aprendizado.” Além do domínio da tecnologia, Valentina acrescenta outras conquistas do período: “Tenho valorizado

meus privilégios como nunca havia feito antes, uma vez que tive todos os materiais necessários para continuar estudando e ampliando meu conhecimento”.

Na 3ª série do Ensino Médio, a busca por diferentes formas de estudo foi ainda mais intensa, assim como a necessidade de lidar com novas questões emocionais. O aluno Lucas Fuck conta que foi muito difícil aprender a estudar sozinho, embora sempre tenha sido independente: ele saiu de Canoinhas, pequena cidade de Santa Catarina onde moram seus pais, para cursar a 3ª série no Stockler, por isso já controlava seus próprios horários. “Eu tive dificuldade em estudar sozinho, porque falho muito em manter um cronograma de organização por tempo prolongado. Por isso, o Stockler foi muito importante. Apesar de o curso ter sido a distância, a exigência do colégio me fez querer estudar ainda mais. O esforço e o estudo foram meus, mas devo aos meus professores por terem me ensinado tanto em tão pouco tempo.”

Projetos científicos: um novo olhar sobre a pesquisa

A prática de pesquisa durante o Ensino Médio é uma marca do projeto pedagógico do Stockler. Por meio dela, os alunos se iniciam em experiências que vivenciarão com mais fôlego durante a universidade. Para colocar esses trabalhos em ação, eles tomam contato com os procedimentos e métodos científicos. Na 1ª série, os alunos constroem, em pequenos grupos, um banner científico em que apresentam em forma de resumo ilustrado o itinerário e o resultado de suas investigações. Já na 2ª e na 3ª séries, produzem, individualmente, uma monografia a partir de um tema que lhes desperte interesse.

A aluna Ana Beatriz Vinhaes, da 2ª série, conta como a elaboração da monografia foi fundamental para seu desenvolvimento: “Eu sabia que teria de ser muito disciplinada para fazer um bom trabalho. Comecei pela escolha do tema, decidi que faria sobre algo de que gosto muito: a área da oncologia”. Ana, que levou meses garimpando fontes e organizando o material antes da escrita, relata como o trabalho foi recompensado: “Me planejar com antecedência e ter a certeza de que eu sabia do que estava escrevendo me deram confiança. É claro que houve momentos de nervosismo, mas nessas horas eu parava, respirava e voltava a fazer com calma. Depois, veio meu tão esperado 10”.



Parlamento Jovem: a participação cidadã

No primeiro semestre de 2020, os alunos da 1ª e da 2ª séries do Ensino Médio participaram de uma atividade extracurricular proposta pela Câmara Municipal de São Paulo. O Parlamento Jovem é um projeto que tem como objetivo possibilitar a meninas e meninos a vivência do processo democrático na sede do Poder Legislativo Municipal. Assim, cada escola pode enviar ao município de São Paulo um projeto de lei elaborado por um estudante e que será avaliado por vereadores. Este ano, em razão da pandemia, a Câmara optou por não realizar a etapa posterior, a Jornada Parlamentar, que é uma vivência presencial na Câmara Municipal com os autores dos projetos selecionados.

Ainda assim, os alunos participantes tiveram a oportunidade de elaborar um projeto de lei com base em debates e pesquisas. “O Parlamento Jovem me propiciou um maior contato com áreas em que quero seguir, Direito e política”, conta Enzo Cenamo, da 2ª série. Guilherme Laxer, também da 2ª série, ressalta a importância do projeto para sua formação cidadã: “Descobri vários problemas da cidade de São Paulo e também aprendi a redigir projetos para a Câmara Municipal. Isso me ensinou a ser um cidadão que vai atrás dos seus objetivos”.

AQUI É PARCERIA

O aprendizado individual é potencializado pelas atividades coletivas. Por isso, desde o Ensino Fundamental, o Stockler tem como premissa a organização de grupos de estudo entre os alunos. A distância, as parcerias continuaram em novo formato, com a ajuda de ferramentas como Google Meet, aplicativo para organização de videoconferências. Juliana Carlucci, da 2ª série, dá exemplos: “Desenvolvi diversas práticas para me auxiliar a contornar as barreiras educacionais deste ano. As ligações para os colegas foram essenciais”.

A aposta de Stella Wang, da 1ª série, para o desenvolvimento da autonomia também é o ambiente colaborativo: “Depois deste ano, estou mais autônoma do que antes, tenho sido mais independente e organizada e corro atrás de matéria perdida ou não entendida. O espírito colaborativo também melhorou, com a ajuda entre os colegas e a construção dos projetos. Por isso, nunca esqueceremos 2020” (leia mais sobre os projetos científicos na página ao lado).

Processos como o de Juliana e Stella devem ser celebrados, de acordo com Regina Tarifa, professora de Inglês e coordenadora de Projetos do Ensino Fundamental II. Ela vê de modo positivo a mobilização dos alunos: “Foi uma oportunidade que eles tiveram para organizar o próprio estudo, aprender a trazer perguntas e a tomar decisões quando estavam executando os trabalhos sem a presença física do professor”.

ORGANIZAR É PRECISO



Além de trocar conhecimentos com a turma e saber aproveitar os momentos de descanso, zelar pela organização foi fundamental para bons resultados em 2020. “Ter criado uma rotina que incluía o planejamento de estudos das matérias do dia foi muito bom para mim. É preciso se organizar e não deixar matéria acumulada”, destaca Gabriela Tuppy Bellintani, do 9º ano.

Nesse processo, instrumentos como a agenda do Google Classroom, que avisa os alunos sobre as tarefas que precisam ser entregues, somaram-se a métodos pessoais e até analógicos. Laura Yoon Galvão, do 6º ano, comenta: “Se nós não conferirmos as tarefas, datas de provas e trabalhos, podemos perder nota. Todos os dias eu olhava as tarefas no Classroom para me certificar de que não tinha nenhuma pendente”. Amanda Encinas Leite, do 9º ano, não abandonou o caderno e a agenda de papel e, agora, dá dicas: “Sempre deixe marcado em sua agenda ou em algum lugar em que vá se lembrar quais são as suas tarefas. Algo que me ajudou muito foram meus amigos, estávamos sempre em contato para ajudar e lembrar uns aos outros”.

Tais estratégias potencializam os momentos de estudo, inclusive, para que sobre mais tempo para a família, os amigos e o lazer. A estudante Maria Clara de Albuquerque, da 1ª série, sabe disso: “É muito importante manter uma lista de tarefas diárias com períodos para cada uma delas”.

Roda de Conversa: iniciativa criada pelos alunos

Projeto inédito no Colégio, a Roda de Conversa é um exemplo emblemático do desenvolvimento da autonomia pelos alunos durante o ensino virtual. A orientadora educacional Kátia Ritzmann explica: “Os alunos da 2ª série elegiam os temas, convidavam os professores, faziam pesquisas científicas prévias e disponibilizavam os materiais encontrados para que os demais participantes dos encontros pudessem se inteirar mais sobre o assunto”. Entre os temas discutidos estiveram a história das pandemias e a cultura do cancelamento.

João Fantin, um dos alunos idealizadores, revela como surgiu a ideia e quais eram os objetivos desses encontros: “Pareceu promissor e interessante o projeto de formar um grupo de discussões entre estudantes e professores, para compartilhar conhecimentos e aprendizados sobre temas diversos. A premissa do projeto era construir relações valiosas e duradouras com os professores, como ocorria durante as aulas presenciais”. Fantin acredita que os eventos devem continuar mesmo depois do retorno das atividades no ambiente do Colégio, porque contribuem para o desenvolvimento da argumentação oral.



Temas polêmicos motivaram troca de ideias entre alunos e professores do Ensino Médio



O DESPERTAR DA RESPONSABILIDADE

No contexto do ensino remoto, muitos alunos relatam ter percebido com clareza a urgência de se tornarem protagonistas de seus processos de aprendizagem. “Tenho que prestar atenção na aula, o professor não vai ver e me chamar caso eu não esteja. Além disso, sou eu quem vai fazer a prova depois, então o interesse tem que partir de mim mesmo”, conta Gustavo de Sousa Silva, do 7º ano.

A responsabilidade e o engajamento dos professores para fazer as aulas remotas funcionarem também inspirou alguns alunos. “A minha maior motivação foi o esforço dos profissionais da escola. Se eles estavam fazendo o máximo para proporcionar a mesma qualidade de ensino que tínhamos na escola, eu também precisava fazer a minha parte”, ressalta Mariana Britto, da 1ª série.



A HORA DE PEDIR AJUDA

Ter autonomia não significa apenas saber tomar decisões e trilhar um caminho independente na busca pelo conhecimento. É também necessário saber pedir ajuda. A aluna Júlia El-Tawil, da 1ª série do Ensino Médio, afirma que este foi um dos ganhos do período remoto: “Percebi a importância da colaboração virtual entre alunos e professores. Todos estiveram disponíveis para procurar ajuda e oferecê-la. O meio digital obrigou as pessoas a construir um tipo diferente de aprendizagem e de troca de experiências. Com certeza, esse cenário foi o responsável pela autonomia

desenvolvida pelos estudantes, e isso vai ficar pelo resto da vida”.

Nas ações da orientação educacional, isso se refletiu na intensificação dos atendimentos individuais a distância e em uma série de conversas virtuais sobre questões acadêmicas e socioemocionais. Já na 3ª série do Ensino Médio, os plantões de todas as disciplinas garantiram que as dúvidas e angústias fossem compartilhadas e sanadas. No teatro, a representação simbólica das questões emocionais foi outro espaço encontrado para dar vazão a sentimentos complexos (leia mais na página 21).



O papel da família

Mais próximos de seus filhos, pais e mães entraram em ação para ajudar crianças e adolescentes a encontrar o prazer de aprender em casa

Um valor do Stockler é a conexão com as famílias para que, com o apoio da escola, possam promover o melhor desenvolvimento para cada estudante. Não foi diferente em 2020, quando a direção e a orientação educacional mantiveram contato constante com as casas dos alunos tanto para orientar os pais quanto para aprender com as experiências deles.

Karina Hermelina de Sousa, mãe de Gustavo, do 7º ano, comenta que, apesar de considerar o filho bastante autônomo e responsável, acompanha seus estudos: “Costumo olhar o caderno, pergunto se há dúvidas, elogio a responsabilidade de estar tudo pronto e, por fim, se houver dúvida, oriento a falar com o professor”. Regina Yoon também aposta na autonomia de sua filha Laura, do 6º ano, para se organizar e estudar da melhor forma possível: “A autonomia é importante para que a criança seja mais independente e autoconfiante nas suas ações. Ela tem que saber que, se escolher deixar de entregar alguma atividade ou não estudar pra prova, vai perder nota e terá de correr atrás do prejuízo”. Regina criou alguns métodos para tentar auxiliar sua filha sem gerar dependência ou acomodação: “No início, muitas vezes a Laura se dava conta de que estava atrasada numa atividade. Montamos uma tabela em Excel para ela alimentar, com datas e

verificação de entregas. A partir do segundo semestre, a tabela não foi mais necessária, porque ela já estava totalmente adaptada ao ensino remoto”.

Apesar de todas as possibilidades de ação que as famílias possam exercer para colaborar com os estudos dos filhos, Margarete Domingues e Carlos Alberto Francisco, pais dos gêmeos Guilherme Francisco e Jaqueline Francisco, refletem sobre a necessidade de deixar que o aluno seja protagonista de seu próprio aprendizado. Eles reforçam que o papel dos pais é de apoio, porque são os filhos que devem enfrentar as dificuldades e lidar com frustrações: “Por mais que queiramos o melhor para nossos filhos, tentar constantemente controlar e resolver tudo constituirá uma barreira de proteção que no futuro será prejudicial para eles”.

Há uma expressão corrente que designa justamente a geração que tem dificuldade para deixar a proteção das famílias e levar uma vida própria: geração canguru. Em 2020, porém, vivemos um paradoxo: jovens isolados em casa e muito próximos da família, mas que amadureceram a olhos vistos. João Vítor Dutra, da 2ª série, comenta: “Ao entrar em 2021, muitos dos alunos da quarentena vão estar mais preparados e cientes dos obstáculos e desafios que o seu futuro acadêmico trará”.

A experiência de quem sempre estudou no Stockler...

Julia Gobbi entrou no Stockler no 6º ano do Ensino Fundamental e em 2020 concluiu a 3ª série do Ensino Médio. Ela fala com carinho sobre a importância da escola na sua formação: "Ter vivido grandes experiências pessoais no Colégio, com apoio de professores queridos e dos meus colegas, tornou a jornada muito agradável e deliciosa, vou lembrar para sempre".

Além do aprendizado acadêmico, Julia ressalta a importância que alguns projetos tiveram para o desenvolvimento de sua autonomia. O Teatro é um exemplo: "Estar no palco, tendo que lidar com toda a emoção do momento, me ensinou a desenvolver autoconfiança". Já a viagem a Paraty, organizada pela área de Linguagens no contexto do projeto Marés, quando estava na 2ª série, foi, nas palavras da aluna, "uma experiência catártica, uma oportunidade de entrar em contato com o nosso interior. A viagem ensinou muito sobre mim. Dos muitos aprendizados que tive no Stockler, o mais importante foi entrar em contato comigo mesma para explorar as coisas que não conheço e, assim, entender quem eu sou e qual é meu lugar na sociedade".



... e a de quem acabou de chegar

Se a transição para o ensino remoto foi desafiadora para todos os alunos, quem tinha acabado de ingressar no Colégio viveu uma experiência ainda mais peculiar. É o caso de Ana Beatriz Vinhaes, que entrou no Stockler em 2020 para cursar a 2ª série: "Além de lidar com as surpresas vindas com a pandemia, tinha amigos novos, professores novos, métodos de estudos diferentes e ambiente novo. No começo foi complicado, mas hoje sei que deu tudo certo".

Já Lucas Fuck ingressou no Stockler para cursar a 3ª série buscando um colégio mais rigoroso, que pudesse ampará-lo na preparação para o vestibular de Biomedicina ou Engenharia Biomédica.

"O fato de não conhecer nenhum aluno ou professor me prejudicou na primeira metade do ano, mas com o tempo consegui construir boas relações com algumas pessoas, além de os professores terem sido extremamente acolhedores, mesmo sem me conhecer propriamente."

Lucas Fuck

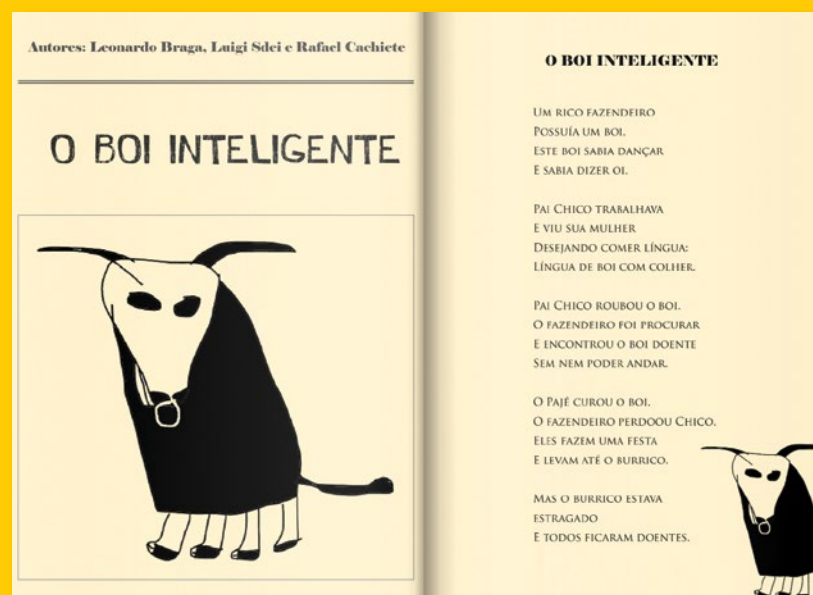
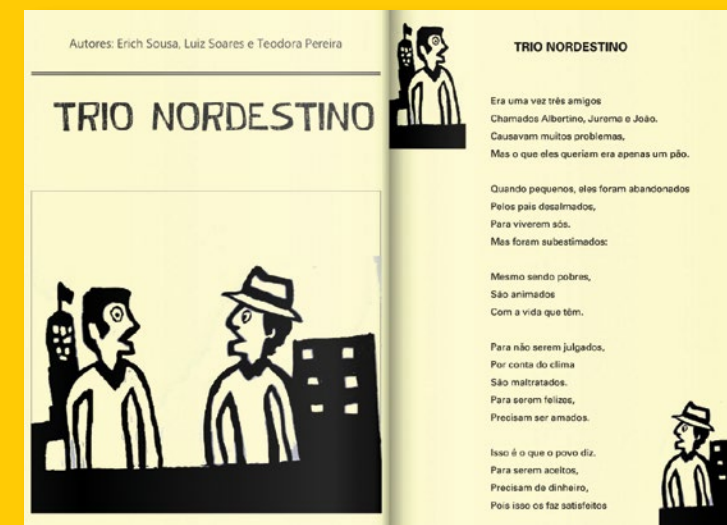
Julia Gobbi



De portas abertas na internet

Nos últimos anos, sempre no mês de novembro, o Colégio Stockler realizou mostras culturais para exibir os trabalhos produzidos pelos alunos ao longo do ano. O Stockler de Portas Abertas reúne a comunidade escolar e também convidados para celebrar as conquistas do percurso de cada série. Diante da impossibilidade de reabrir a escola fisicamente, o evento tornou-se digital. "Depois da adaptação ao ambiente virtual, percebemos que era necessário repensar os projetos e o tempo dedicado a eles. Houve grande comoção e engajamento dos

professores para que nós colocássemos a mostra de pé. Felizmente, a exibição teve grande acolhida também das famílias, que reconheceram o esforço dos filhos", afirma Regina Tarifa, coordenadora de Projetos do Ensino Fundamental. As apresentações foram transmitidas pelo YouTube e a programação, divulgada em uma página do Padlet. Os trabalhos – como o podcast Ouvindo as Diferenças, os bordados de inspiração sul-africana e os relatórios sobre o plantio de uma horta em casa – você confere ao longo das páginas desta revista.



No momento em que a tecnologia digital foi a palavra-chave, o 7º ano resgatou a tradicional arte do cordel para exibir seus trabalhos no Stockler de Portas Abertas



"No Stockler, começamos o Novo Ensino Médio antes da lei"

Nesta conversa, ANA PAULA SEVERIANO, coordenadora de Projetos e autora de obra direcionada a gestores sobre a reforma do Ensino Médio, conta como o Colégio se antecipa às transformações previstas para 2021

O que muda com a implantação do Novo Ensino Médio?

As mudanças propostas pela lei 13.415, de 2017, surgem como resposta para a etapa mais problemática da educação básica no Brasil. São frequentes as queixas de que os conteúdos são pouco atraentes e é alta a taxa de evasão escolar entre os jovens, que, em contextos de vulnerabilidade social, abandonam os estudos para trabalhar e ajudar a família. No caso dos nossos alunos, não há evasão, mas é notável o desinteresse por alguns conteúdos. A lei atende a essas angústias porque, ao mesmo tempo que aumenta a carga horária do aluno na escola, permite que ele curse itinerários formativos em complemento à grade básica. O estudante poderá escolher itinerários que tenham mais relação com seus interesses e encontrar mais sentido naquilo que é ensinado na escola. Além disso, haverá uma preocupação maior com o que o Ministério da Educação chama de Projeto de Vida, uma espécie de disciplina em que os jovens devem se dedicar a pensar e planejar o próprio futuro, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal.

Quando o Novo Ensino Médio entra em vigor? Quais são as etapas para a implementação?

Apesar da pandemia, o calendário de implementação está mantido, e as mudanças começam a partir de 2021, com impacto principalmente na 1ª série do Ensino Médio. O aluno que ingressar nessa etapa terá de escolher um dos itinerários formativos oferecidos e também participar das atividades de Projeto de Vida. Todo o Ensino Médio deverá se adequar às novas regras até 2022. Em linhas gerais, o processo começou no Governo Federal, com a definição de parâmetros e de um cronograma. Depois, nos estados, decidiu-se um currículo comum e, então, as escolas, a partir de estudos sobre a sua realidade, iniciaram o processo de mudança.

O Novo Ensino Médio propõe que as escolas ofereçam itinerários formativos para seus estudantes. O que são esses itinerários? Há benefícios em relação ao modelo anterior?

Até 2022, todas as escolas brasileiras deverão oferecer uma carga horária de estudos de 3 mil horas no Ensino Médio, o que inclui a matriz curricular comum e os itinerários formativos. Os itinerários são

“

As transformações propostas preparam melhor os alunos para o tempo presente, uma vez que conectam o ensino de áreas do conhecimento à realidade dos estudantes.”

percursos de formação escolhidos pelo aluno que contemplam disciplinas, trabalhos de campo, práticas de laboratório e atividades interdisciplinares. Há liberdade no oferecimento desses itinerários, desde que eles respeitem os quatro eixos temáticos previstos pelo MEC: 1) Investigação Científica; 2) Processos Criativos; 3) Mediação e Intervenção Sociocultural; 4) Empreendedorismo. É um formato interessante, porque efetivamente dá mais possibilidade de escolha ao aluno, em especial quando combinado às reflexões feitas nas aulas sobre Projeto de Vida.

Como tem sido a adaptação no Stockler?

A verdade é que no Colégio nós já havíamos começado o Novo Ensino Médio antes mesmo da lei. Já entendíamos que era preciso compreender as especificidades dessa geração que chega ao final da educação básica. Temos, por exemplo, projetos interdisciplinares que conectam linguagens e ciências da natureza. Damos possibilidade de escolha aos alunos nos projetos de pesquisa. Oferecemos um longo processo ligado à escolha do curso de graduação por meio do trabalho das orien-

tadoras educacionais e de eventos como o Mergulho nas Carreiras. Desse modo, nos adaptamos à lei, mas com a certeza de que nosso modelo de Ensino Médio já estava conectado às novas demandas.

Há disciplinas ou conteúdos obrigatórios para todos os alunos? Quais?

Sim. O Stockler não se precipitou em fazer alterações no currículo básico, pois considera que a formação que oferece é importante para a vida do aluno e para os principais vestibulares do país, que ainda não se adequaram às mudanças propostas pela reforma. O Enem, por exemplo, continua organizado em áreas do conhecimento – Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática. O que muda mesmo é a inclusão dos itinerários.

A escola já tem planos para as atividades extracurriculares e para as disciplinas eletivas? Quais?

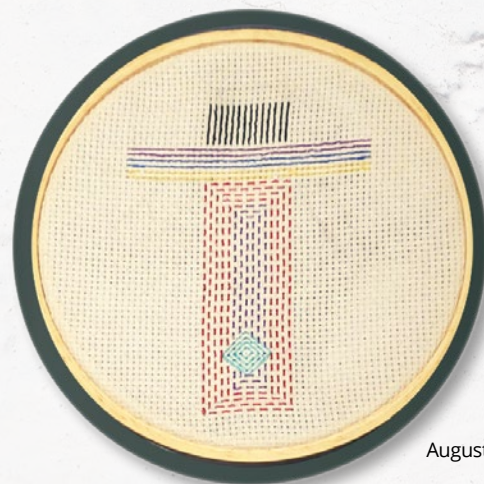
No primeiro ano, a escola oferecerá dois itinerários formativos: Processos Criativos e Investigação Científica. Diferenciais do Stockler, como as aulas de Teatro, a escrita da monografia e os trabalhos de campo – como as viagens a Paraty ou a Inhotim, museu de arte contemporânea em Minas Gerais –, continuam obrigatórios para todos. Os itinerários serão construídos por disciplinas eletivas propostas pelos professores da casa e também por parcerias com instituições de ensino renomadas, como a Fundação Getúlio Vargas e a Escola Superior de Propaganda e Marketing.

A proposta de um ensino mais flexível atende às demandas acadêmicas e profissionais do nosso tempo?

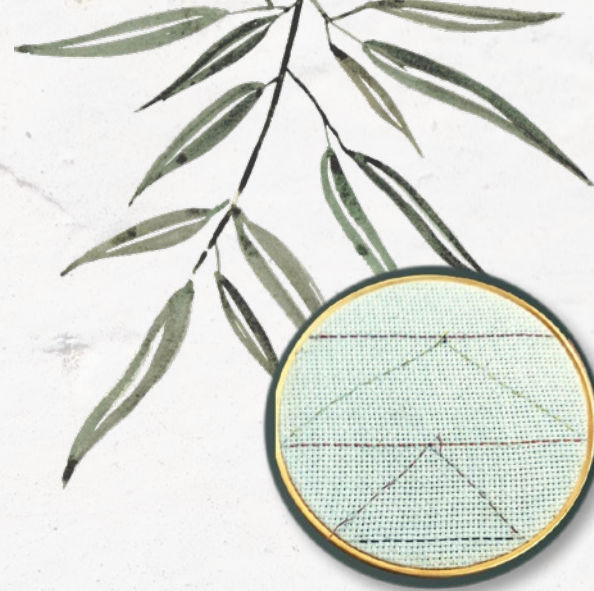
A reforma do Ensino Médio se associa com a Base Nacional Comum Curricular, documento que sistematiza as habilidades e competências que devem ser desenvolvidas ao longo do Ensino Médio. Nesse sentido, penso que sim, as transformações propostas preparam melhor os alunos para o tempo presente, uma vez que conectam o ensino de disciplinas à realidade dos estudantes. Ainda assim, é necessário ficar atento para não adotar uma perspectiva reducionista da educação, como mera preparadora de mão de obra. O pensamento crítico deve estar no foco das nossas ações.



Luiza Santos



Augusto Sardinha



Estevão Mendonça



Camila Santos



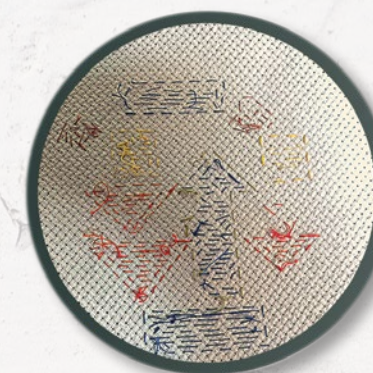
Clarissa Natale



Pedro Grieco



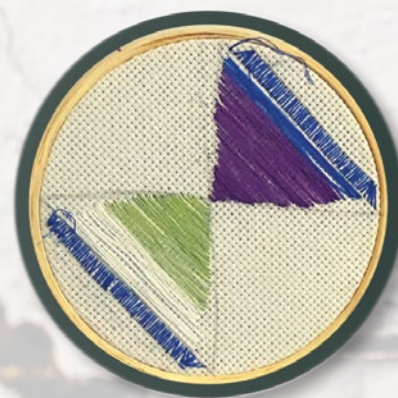
Henrique Cazzo



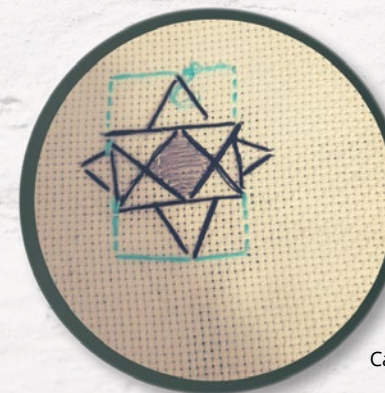
Inácio Santos



Gabriela Barone



Thales Silva



Carolina Oliveira

Os bordados da artista sul-africana Esther Mahlangu inspiram as produções do 8º ano nas aulas de Artes. Ao longo de 2020, a turma estudou as diferenças étnicas, culturais e sociais.



O PERCURSO DE APRENDIZAGEM no Colégio Stockler

TURMAS PEQUENAS permitem acompanhar de perto cada aluno, respeitando as suas **singularidades**.

Desde o Ensino Fundamental, o jovem **APRENDE A APRENDER**.

Disciplinas tradicionais compartilham a grade curricular com matérias que estimulam o **RACIOCÍNIO LÓGICO** e o **OLHAR CRÍTICO**.



91%
de aprovação
em 2019

PROJETOS INTERDISCIPLINARES

promovem o desenvolvimento do pensamento científico e da autonomia investigativa.

VESTIBULAR SEM CURSINHO: 3ª série do Ensino Médio com rigorosa preparação para as universidades mais concorridas.



SAIBA MAIS SOBRE
O ENSINO FUNDAMENTAL



SAIBA MAIS SOBRE
O ENSINO MÉDIO